

As previsões para o

JORNAL DA TARDE — 3

CA

Brasil do ano 2000

O futuro do Brasil "é Róseo" e o País poderá chegar ao ano 2.000 como a quarta economia do mundo, na frente da França, reduzindo os atuais 33% de desempregados e subempregados a apenas 5%. Esta é a opinião dos economistas que participaram, ontem, no auditório do Palácio do Planalto, do encerramento dos debates sobre "O Brasil na Virada do Século".

Mas o otimismo dos economistas não foi acompanhado pelos cientistas políticos, como o professor Hélio Jaguaribe, que disse não ser possível analisar apenas "os números frios do economês, pois, se o Brasil não fizer algo sério e imediato no plano social e da distribuição de renda, nem chegaremos ao final do século, atropelados pela convulsão social".

Neste debate, a vedete foi a mãe solteira e desempregada Sandra Silva Santos, 27 anos, representante do Movimento da Mulher da cidade-satélite de Sobradinho (DF), que desafiou a mesa de debates, "formada só por homens e sem nenhuma economista autêntica como é a dona-de-casa pobre", a achar uma solução imediata para a miséria dos brasileiros. "Vocês, economistas, falam bonito, mas nós estamos com fome e sem ter onde morar. Como esperar até o ano 2.000 para receber o que estão prometendo?" — perguntou ela.

Para o economista Júlio Mourão, do BNDES, o Brasil deve adotar a política econômica de desenvolver seu mercado interno, "que nos possibilitará crescer na média de 8% ao ano até o final do século, com a renda per capita passando de US\$ 2.000 para US\$ 4.400 e nosso PIB passando do oitavo mundo para o quarto, só atrás dos Estados Unidos, Japão e Alemanha Ocidental".

Ele disse que o baixo coeficiente de importações atual, que é de apenas 6% do PIB, não representará qualquer problema, "pois os Estados Unidos se transformaram em grande potência entre 1930-70, com um coeficiente de importações variando de 3,5 a 4,5% do PIB". Para Júlio Mourão, o Plano Cruzado já começou a dividir a renda e a aumentar os salários reais, que possibilitarão integrar automaticamente ao processo produtivo e de consumo "os 33% da população atual que estão marginalizados". O único desafio para ele é repensar o desenvolvimento energético.



Jaguaribe está pessimista. Maciel nem tanto.

O professor Antônio Barros de Castro também está otimista, achando que o Brasil atual tem todas as condições para iniciar um desenvolvimento acelerado, "com uma mão-de-obra preparada para o desafio e um parque industrial moderno, junto com uma infra-estrutura de serviços razoável". Ele acha que o Brasil não deve cair no neoliberalismo econômico, mas seguir seu próprio modelo, sem tentar fugir aos seus compromissos com a dívida externa. "Nisso sou pessimista — afirmou —, pois não acredito que possamos nos desenvolver sem aceitar as regras internacionais impostas por nossos credores."

O professor Barros de Castro acredita que o País pode crescer, sem deixar de pagar a dívida, "pois podemos chegar a um PIB de US\$ 625 bilhões, no ano 2.000, contra os atuais US\$ 250 bilhões, enquanto nossa dívida externa permanecerá estável na faixa dos US\$ 100 bilhões, ou seja, num patamar perfeitamente razoável".

Jaguaribe, pessimista

Já o professor Hélio Jaguaribe não acredita em crescimento econômico, "enquanto os banqueiros internacionais ditarem os juros que querem sobre nossa dívida externa, pois assim jamais chegaremos numa situação rósea no ano 2000".

"O Brasil não pode aceitar que os banqueiros fixem a seu bel prazer os juros de nossa dívida, temos que impor taxas menores e, se eles não quiserem, simplesmente não pagar, ou então ficar condenados para sempre a uma posição secundária no desenvolvimento econômico mundial", disse com veemência o professor Hélio Jaguaribe. Ele defende também o aumento dos impostos, "porque atualmente eles representam a irrisória quantia de 22% do PIB e deveria

passar a 26%, a única coisa que possibilitaria uma ação verdadeiramente eficaz para desenvolver um plano social".

O professor Jaguaribe advertiu que, se o Brasil não conseguir agora suas transformações econômicas, sociais e tecnológicas, não terá nova chance no final do século, "quando as grandes potências se unirão em condomínios fechados, condenando os países da periferia a se tornarem simples mercados secundários".

Avaliação

O ministro Marco Maciel falou, em seguida, sobre a sua "alegria e entusiasmo com os resultados dos debates", que foram uma promoção do Gabinete Civil da Presidência. Aos repórteres ele afirmou, depois, que a veemência do professor Hélio Jaguaribe "mostra apenas a profundidade e a paixão que o encontro propiciou", reconhecendo que muita coisa mudou no cenário econômico e político internacional, desde que o Brasil começou a tentar renegociar sua dívida externa em bases mais justas.

O embaixador Marcos Azambuja, ao avaliar o encontro, disse que, pelos debates de acadêmicos e representantes de toda a sociedade, ficou claro que o Brasil deverá "ascender alguns degraus na escala de poder mundial, numa atração mais em direção aos países ricos, junto com uma gradativa expulsão do meio dos países pobres". Ele prevê também uma participação muito maior da sociedade, dos empresários e da inteligência na formulação da política externa brasileira, diminuindo a influência do Itamaraty.

A nota pitoresca do final dos debates foi dada pelo escritor Cícero Pentead, que falou longamente aos acadêmicos e técnicos presentes sobre o livro que escreve há 13 anos, "A República Universal". Ele disse que a preocupação não deve ser com o Brasil e a virada do século, "porque depois do ano 2000 chegaremos na unificação da economia mundial, o fim das pátrias e uma sociedade que reunirá o melhor do capitalismo, do socialismo e do espiritismo". Ante o espanto e as risadas do auditório, o escritor garantiu que sua república universal será criada a partir do Brasil, "conforme as corretas previsões de Alan Kardec". Aproveitou para pedir que o governo financiasse a publicação de seu livro.